

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Juliana de Oliveira Pokorski

MINHA VIDA, DUAS LÍNGUAS:
**Um estudo sobre as experiências de surdos com a escrita acadêmica no
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS**

Porto Alegre
1º Semestre
2010

Juliana de Oliveira Pokorski

MINHA VIDA, DUAS LÍNGUAS:
**Um estudo sobre as experiências de surdos com a escrita acadêmica no
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação:
Prof^a. Dr^a. Lodenir Becker Karnopp

Porto Alegre
1º Semestre
2010

AGRADECIMENTOS

Eu não imaginava que seria tão difícil escrever um trabalho de conclusão sobre uma temática que gosto tanto e que tenho estudado há tanto tempo, mas o peso de estar escrevendo um trabalho de conclusão que é o marco de finalização de quatro anos e meio em uma faculdade não é pequeno. Assim, em meio a tantas “crises existenciais”, tantos momentos em que a vontade foi desistir e assumir que eu não era capaz de terminar esta tarefa, fui encontrando pessoas que me apoiaram e fizeram acreditar em mim mesma e não teria como não agradecê-las, pois todos os méritos deste trabalho também são delas:

Agradeço a Deus por ter ficado sempre comigo, mesmo quando eu me distanciava de tudo e de todos para apenas ler e escrever, e por Ele ter colocado tantos desafios na minha frente que me fizeram crescer tanto e principalmente por ter me dado tantos presentes em forma de pessoas que iluminaram minhas ideias e passos através de sorrisos, abraços, falas e escritas;

Agradeço também a minha família, por compreender minhas ausências, e por sempre me dar todo o apoio aos meus sonhos mesmo que esses não fossem os que eles tivessem sonhado para mim;

Ao meu namorado Rafael, que sempre foi um anjo na minha vida, me incentivando desde minhas primeiras crises com a faculdade, fazendo meus dias mais alegres, me apoiando em todos os momentos e festejando com todos meus sucessos. Também por ter sido tão paciente com minhas ausências neste último semestre e principalmente por me amar tanto.

A minha orientadora Lodenir Karnopp, por acreditar tanto em mim e por todo incentivo durante todo esse tempo, sendo orientadora de TCC, estágio, pesquisa e monitoria acadêmica. Obrigada por lapidar minhas escritas, por não ter sido apenas uma professora, mas uma amiga nestes anos de trabalho e estudo juntas.

A professora Adriana Thoma por mesmo não tendo sido minha orientadora em nenhum momento, ter orientado também minhas escritas ao longo desses anos, por ter sempre paciência em conversar comigo no Messenger mesmo que o assunto nem tivesse relação com ela.

A Larisa e a Aline, minhas colegas de trabalho durante a pesquisa, que ao longo deste TCC sempre se mostraram confiantes em meu potencial e que mesmo sem saber muitas vezes foram imprescindíveis para que eu tivesse vontade de continuar.

A todos amigos que encontrei nesta universidade, que tornaram esses anos mais doces de se viver, que amenizaram as dificuldades e que farão que eu sinta saudade desse período acadêmico. Prefiro não citar ninguém pois sei que aqueles que se transformaram de colegas a amigos sabem o quanto eu os valorizo em minha vida e citar nomes poderia acarretar em esquecer alguém e isso seria realmente desconfortável.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os surdos que surgiram em minha vida, sejam como amigos, professores, colegas de trabalho ou como autores de textos que me serviram de estudo, muito obrigada por todos os exemplos, e por serem donos dessa cultura que eu tanto admiro e tanto procuro estudar.

A voz do surdo são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. [...] Pensar sobre surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita (QUADROS, 1997,p119)

RESUMO

Este trabalho discute as marcas identitárias de surdos traduzidas em suas teses e dissertações, produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Busca evidenciar a forma que essa diferença é sinalizada na escrita do surdo pesquisador, além de tentar descrever as marcas atribuídas a essa experiência. Utilizou-se da metodologia de análise documental, realizando a leitura de seis dissertações de mestrado e uma tese de doutorado produzidas por surdos no período de 1998 a 2010 (quase a totalidade da produção surda do PPGEDU/UFRGS). Elencou-se, a partir das recorrências encontradas, três eixos analíticos: a escrita e a leitura de uma segunda língua (em português); o papel do intérprete; e a diferença cultural do surdo. O estudo está situado no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos e a análise teve por base, principalmente, o pensamento de Quadros e Karnopp (2004) sobre a Língua de Sinais Brasileira, e os conceitos de cultura e identidade surda abordados por Perlin (1998) e Skliar (1998). Registrou-se, então, que muito além de um espaço de estudo, o PPGEDU/UFRGS se constituiu em um local de produções acadêmicas com propósitos investigativos e políticos dos surdos pelo seu povo. Tais produções, no entanto, se apresentaram atravessadas pelas dificuldades de escrita em uma segunda língua (o Português), pela (in)aceitabilidade da diferença cultural surda e pelo ato de marcar a presença surda nos textos.

Palavras chave: Cultura surda. Escrita. Libras.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. Uma escola duas línguas: Um estudo sobre as experiências de surdos com a escrita acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre: 2010. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. PONTO DE PARTIDA: muitas coisas acontecem em um ônibus.....	9
2. PRIMEIRA PARADA: um pouco de história.....	14
2.1 Oralismo.....	14
2.2 Comunicação total	16
2.3 Bilinguismo	16
3. PONTOS DE (DES)ENCONTROS: deixando que as mãos sinalizem.....	18
3.1 A escrita do surdo: o português como segunda língua.....	19
3.2 Uma escrita por várias mãos: O papel do intérprete	22
3.3 Desafios e (des)caminhos: para além das línguas.....	25
4. LINHA DE CHEGADA(?): outros caminhos a percorrer	30
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, situado no campo dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, é um estudo qualitativo que se utiliza da metodologia de análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986), uma vez que discute as marcas identitárias do surdo depositadas em suas teses e dissertações produzidas no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), buscando evidenciar as marcas identitárias deste sujeito emergente: o surdo pesquisador.

Para ser mais precisa, este texto busca responder a questão:

“Que marcas da vivência surda no ambiente (prioritariamente) ouvinte do PPGEDU/UFRGS são trazidas para os textos finais de mestrado e doutorado destes sujeitos e de que forma a diferença é sinalizada nesses textos ou que sentimentos são atribuídos a essa experiência?”

Me utilizo desta metodologia para responder a esta questão por acreditar que

[...] os documentos constituem uma fonte estável e rica. [...] Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador [...]. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39)

Para tanto, após realizar as leituras encontrei questões recorrentes que se tornaram eixos de pesquisa, divididos em sessões que se apresentam no trabalho na seguinte forma:

Na primeira sessão intitulada “Ponto de partida: muitas coisas acontecem em um ônibus” trago um pouco da minha experiência pessoal neste campo e que caminhos segui até chegar ao problema de estudo para este trabalho de conclusão, além de explicar melhor a temática escolhida.

Na segunda sessão, optei por trazer um pouco da história da educação dos surdos, pensando que desta forma, além de contextualizar o período no qual foram escritas as teses e dissertações analisadas, estarei instrumentalizando os leitores deste trabalho a compreenderem melhor que experiência escolar influenciou a visão da educação por parte desses surdos pesquisadores e conseqüentemente a escolha de temáticas de estudo ou opções de escrita de cada autor.

Na terceira parte do trabalho trago, dividida em subseções, minhas respostas ao problema de pesquisa, as recorrências encontradas nos textos estudados, análises, enfim, esta sessão constitui o corpo principal deste trabalho, o que justifica o fato de também ser a parte mais extensa do mesmo.

Por fim, na quarta e última sessão, trago meus últimos esboços de análise sobre questões que vão além da pergunta inicial do trabalho, e que portanto também configuram minhas possibilidades de estudos futuros.

1. PONTO DE PARTIDA: MUITAS COISAS ACONTECEM EM UM ÔNIBUS

Uma das coisas mais maravilhosas, para mim, na função do pesquisador é a sua “arbitrariedade”. Ele escolhe, desde o início. Ele tem de escolher: desde o bruto, a porção da teoria, as unidades. Arbitrariedade que, como todas, não é tão arbitrária assim, pois há algo aí que não sabemos: por que escolho isto e não aquilo, por que isto ou aquilo também “me escolheu”. (CORAZZA, 2002, p.361)

Antes da minha entrada na universidade eu não imaginava que iria algum dia estudar, trabalhar ou ter algum contato com a temática da surdez. Sou ouvinte e nunca tive colegas surdos ao longo de minha vida escolar. No entanto, logo que entrei na faculdade comecei a vivenciar inúmeras experiências que foram me trazendo aos poucos para esta área, entre elas um encontro em um ônibus que eu considero ser o meu ponto de partida para toda esta história.

Moro a pouco menos de uma hora de ônibus de minha casa à faculdade de educação, e desde o primeiro semestre eu pego o mesmo transporte, quase sempre no mesmo horário para a universidade. Assim, com o tempo, entre uma leitura e outra, uma olhada pela janela, uma conversa, eu fui conhecendo várias pessoas, pois todos os dias no mesmo horário são praticamente as mesmas que entram e saem... Foi assim que conheci Diego, um menino surdo que pegava o ônibus às vezes sozinho e às vezes com uma menina (que mais tarde descobri ser sua irmã), mas que parecia sempre triste e solitário.

É estranho como a vida nos move a agir algumas vezes de forma estranha, é como se ela nos desse “empurrõezinhos” para que façamos aquilo que vai nos tornar o que deveríamos ser. O fato é que, embora eu seja uma pessoa extremamente tímida, eu resolvi escrever uma carta para Diego perguntando a ele o porquê de ele parecer sempre tão triste, tentando fazer minha parte para que ele não ficasse tão solitário. Tentei por vários dias entregar o escrito, lutando contra minha vergonha, até que um dia decidi pedir ao cobrador que entregasse a carta.

No outro dia, depois de receber a carta, ele sentou ao meu lado no ônibus, muito apreensivo, procurando algo na mochila, olhava para mim como se quisesse dizer algo e revirava a mochila. Eu também estava bastante nervosa, pois não tinha a menor ideia do que ele queria me dizer, se é que queria me dizer algo. Diante dessa situação eu peguei uma folha do caderno e escrevi: “tu não fala né?”, ele respondeu que não, movimentando a cabeça com um olhar triste e se desculpando

(não tenho como expressar em palavras o que todos os gestos e expressões desta história realmente representam). Então eu comecei a conversar com ele escrevendo, não lembro direito sobre que assuntos, mas o fato é que isso não funcionou muito. Nós ficávamos a viagem inteira conversando, mas a conversa era lenta e ele nem sempre entendia tudo o que eu escrevia e eu não sabia nada da língua dele.

Aos poucos, nós fomos encontrando outras táticas de comunicação, ele trazia para o ônibus uma pasta de um curso de Libras, com palavras e desenhos dos sinais correspondentes a cada uma. Eu passei também a desenhar histórias em quadrinhos sem diálogos, ou apenas com palavras chaves, que demonstravam o que eu queria expressar a ele.

Fui aprendendo assim mais e mais sinais, aumentando o meu vocabulário e procurando, no material que esse amigo trazia, os desenhos correspondentes àquilo que eu queria dizer (um dia ele me emprestou um polígrafo de um curso básico de Libras e pediu que eu fizesse uma cópia; desde então comecei a estudar também em casa), ou então eu escrevia a palavra em um papel e ele me sinalizava. E assim foram se passando várias viagens de ônibus, entre várias tentativas de comunicação, muita aprendizagem e uma bonita amizade em construção.

Foi assim, que vivenciei minha primeira experiência bilíngue, uma experiência em que ora uma língua se colocava em evidência e ora a outra, e nessa troca percebo que tanto eu como esse meu amigo, crescemos muito. Por fim, acho que foi mais fácil para mim me apropriar da língua dele, embora eu ainda procure me aprimorar até hoje neste conhecimento, pois a ele não é possível dominar a modalidade oral da minha língua e passar a viagem toda escrevendo não era prazeroso.

Com isso eu penso que não é o surdo que tem que se adequar a cultura do ouvinte ou vice-versa, todos os tipos de relação exigem adaptações de ambas as partes.

De qualquer forma, provavelmente eu não estaria escrevendo este texto se a sorte, o destino ou o acaso mesmo, não tivessem feito esta vivência realmente fazer parte da minha vida não só no âmbito das amizades ou dos contatos que se tem em um ônibus.

O fato é que concomitantemente a estas viagens até a faculdade, obviamente,

havia as aulas, e foi em uma cadeira eletiva¹ durante o meu terceiro semestre do curso de pedagogia que fui conhecer mais uma das pessoas que me auxiliariam a percorrer este caminho de busca e encantamento com o povo surdo: a professora Lodenir Becker Karnopp. Foi durante esta disciplina que li os primeiros textos sobre a surdez, os quais como tantos outros constituem os meus textos (falados, sinalizados ou escritos), bem como constituem a pessoa que eu sou (pois como diria Adriana Deffenti em uma de suas canções “cada pessoa possui em si peças de pessoas”² , além de ser também nesse período que passei a perceber a surdez como um espaço de cultura, não como uma deficiência.

Ao final daquele semestre muitas outras coisas haviam ficado, acho que dentre todas, o principal foi a admiração e a vontade de saber mais sobre o assunto.

O semestre acabou, mas as viagens de ônibus até a faculdade continuaram (e na verdade continuam até hoje), além de conversas habituais, comecei a ter verdadeiras aulas de Libras neste espaço, com direito a reprovações quando eu esquecia de algum sinal.

E entre tantos sinais, houve um dia em que recebi o meu sinal: um “J com um movimento em espiral” denotando o tipo de meu cabelo. E foi a partir desse dia que eu senti que estava sendo aceita nesse mundo que eu tanto admirava, eu também podia ser representada em Libras, e esse foi um dos dias mais marcantes na minha vida em relação à educação de surdos até hoje.

Em 2008 então resolvi estudar mais, me inscrevi na disciplina de Libras na faculdade, e também me inscrevi em um curso de Libras, nível básico, que funcionava em uma escola de surdos em Porto Alegre. Eu queria realmente aprender esta língua, pois embora me esforçasse muito no ônibus, não era fácil aprender em uma viagem de 40 minutos, muitas vezes atrapalhada por um ônibus lotado, com pessoas paradas atrapalhando a visão que tínhamos um do outro, e assim impedindo a comunicação. E eu também aos poucos percebi, que se eu realmente quisesse aprender mais sobre tudo isso, além de ler muito, eu precisava

¹ Na faculdade de pedagogia da UFRGS há cadeiras obrigatórias e eletivas, sendo as últimas disciplinas que escolhemos por afinidade com o assunto, ou apenas por interesse, dentre uma grande lista. Ao final do curso cada aluno deve ter portanto, um número mínimo de créditos eletivos, que podem ter sido feitos em cadeiras totalmente diferentes de outros colegas. No caso, estou me referindo a cadeira Problemas Educacionais Contemporâneos, que não existe mais atualmente.

² Música “Peças de pessoas” do CD “Peças de Pessoas” (2002)

me inserir mais nessa cultura, e para isso era importantíssimo me apropriar da língua.

O fato, é que após algum tempo, por coincidência (se é que coincidências existem) a professora Lodenir me convidou para ser monitora da disciplina que ela ministrava: Educação Especial e Inclusão. Foi então que eu conheci a professora Adriana Thoma (que também ministrava a mesma disciplina), e me aproximei do professor Cláudio Mourão (que já era meu professor de Língua de Sinais). Nós tínhamos reuniões semanais banhadas a muita Libras (eu era a única do grupo que não sabia direito a língua), e eu fui “sugando” o máximo delas.

Foi então que aconteceu o que eu considero ser um dos fatos mais importantes na minha vida em relação a esta caminhada específica: tornei-me bolsista de pesquisa, trabalhando sob o tema “A educação de Surdos no Rio Grande do Sul” e foi justamente a partir desta experiência que cultivei a ideia de tornar minhas inquietações pessoais em estudo com um problema de pesquisa³.

Durante a pesquisa, fiz várias visitas a diversas escolas, aplicando questionários. Tais visitas eram feitas quase sempre com a presença de duas pessoas: uma bolsista de pesquisa e um monitor surdo. Desta forma, como uma das bolsistas de pesquisa, precisei fazer várias viagens tendo apenas um surdo como companhia e nas entrevistas necessitava conversar com os alunos, sanar dúvidas e criar diferentes estratégias para estabelecer uma comunicação nestes diversos contatos e não foram poucas as vezes que me deparei com situações problema.

Da mesma forma, não foram poucas as inquietações que surgiram durante este período de pesquisa, pois me parece que a cada resposta (mesmo que provisória), novas perguntas surgem e quanto mais se sabe sobre algo, mais se deseja saber. E provavelmente foi por isso que resolvi fazer meu estágio curricular em uma escola de surdos (na qual atualmente sou professora efetiva), a fim de conhecer melhor este contexto, para além dos números e percentuais resultantes dos questionários aplicados durante a pesquisa de campo. Desta maneira, conheci um pouco mais o universo da cultura surda, tendo inúmeras reflexões que surgiram

³ Corazza (2002, p. 111) assinala que “toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido”

desse período e que poderão ser abordadas em estudos posteriores (certamente não poderei parar de estudar tantas temáticas que “brotaram” de tantas experiências: eu não aguentaria guardá-las em um baú e esquecer-las, sem antes sugar delas todo conhecimento possível, sem antes destrinchar o máximo de informações, me aprofundando ao meu limite).

Dentre tantas experiências e perguntas, escolhi para este trabalho uma que me fará mergulhar em um universo um pouco diferente: o do adulto surdo, mas especificadamente, o adulto surdo pesquisador. Durante esses anos, eu tenho estudado e vivido muito em contato com a criança surda, questionando e analisando o espaço escolar em que ela se insere, mas até o momento eu não havia pensado no que vem depois da escola. Ampliarei, então, meu olhar para o surdo em Cursos de Pós-Graduação, tendo por objetivo verificar que marcas desta experiência surda, em uma ambiente prioritariamente ouvinte, são passadas para a escrita das teses e dissertações desses pesquisadores, pois imagino que assim como eu não pude me desvincular de tudo o que vivi, existirão marcas bastante visíveis nessas escritas, que “sinalizarão” muito mais do que as palavras escritas podem por si só dizer.

2. PRIMEIRA PARADA: UM POUQUINHO DE HISTÓRIA

“Uma educação que iguala o surdo ao modelo de identidade ouvinte, onde é negada a identidade surda é um fracasso.” (MIRANDA, 2001, p.10)

Ao realizar as leituras das teses e dissertações, objeto de análise deste trabalho, percebi que todos os autores trazem, em vários momentos, as suas experiências escolares como surdos e de maneira geral tais vivências são marcadas por situações de exclusão e sofrimento.

Assim, embora não seja a temática central deste trabalho, achei importante assinalar aqui um pouco da história da educação dos surdos autores dos trabalhos investigados no presente TCC. Saliento que grande parte das produções estudadas datam de um período semelhante, conforme pode ser visualizado através das referências encontradas no fim do trabalho. Desta forma, a maioria desses surdos vivenciou experiências semelhantes de educação e participaram de momentos importantes na história do povo surdo, principalmente no que tange à oficialização da Libras, vivenciando, seja como alunos, seja como professores, grandes mudanças no âmbito da educação de surdos.

Abordarei, portanto, nesta sessão, além de alguns dos marcos importantes da história da educação de surdos, os três modelos educacionais que assinalam períodos relevantes desta história: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Saliento, no entanto, que tais períodos não se distinguem em tempos ou espaços específicos, mas são fluidos, cruzam e influenciam práticas de ensino aos surdos, e ainda hoje podem ser encontrados em diferentes contextos dessa educação. Aparecem, portanto, neste trabalho, separados para facilitar a sua visualização, mas não é totalmente possível distingui-los ou separá-los abruptamente.

2.1 – O oralismo

O oralismo fez seus estragos. Ele é caracterizado como a política anti-língua de sinais. Ela foi eliminada de todas as instituições e perseguida até dentro das associações de surdos por forças de poder que impunham a língua oral como detentora única de ciências, mesmo que os surdos tivessem provado o que foi dito antes. As associações de surdos lutaram como podiam para manter viva esta língua. (RANGEL, 2004, p. 57)

O que talvez possa ser considerado o grande marco inicial da educação dos surdos no Brasil é a instalação do Instituto dos Surdos-Mudos no Rio de Janeiro, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado em 26 de setembro de 1857 por Eduard Huet, professor surdo francês (ROCHA, 2007). Naquele período, a educação dos surdos envolvia basicamente a fala, uma vez que se acreditava que era inútil tentar ensinar a escrita aos surdos, em uma época que grande parte da população brasileira era analfabeta e portanto somente a fala poderia servir para a socialização (THOMA, 2006, p. 12).

Dessa ideia de socialização e normalização do surdo surge o oralismo, um método no qual o aluno era obrigado a aprender a falar, sendo geralmente proibido de utilizar a sinalização em sala de aula. Há relatos de salas de aula em que os alunos encontravam-se sentados sobre as mãos, tendo que repetir o movimento da boca de um professor, ou sentados de frente a um espelho para aperfeiçoar seu movimento labial. Caldas (2006, p.12) em sua dissertação assinala a sua experiência em relação ao oralismo:

A professora não sabia se comunicar comigo com a Língua de sinais (LS). Na verdade, nem eu mesma sabia usar a língua de sinais, pois meu contato com os surdos, naquela época, era muito restrito e, também, porque era proibido o uso da Língua de Sinais nas escolas de surdos, direcionando toda a comunidade escolar pela oralização.

Percebe-se assim, que o oralismo era um método de treinamento: os alunos “gastavam” seu tempo aprendendo a falar, sem muitas vezes atribuir sentido ao som articulado. Após anos de estudo e acompanhamento fonoaudiológico, nem todos conseguiam atingir uma fala aceitável socialmente. Da mesma forma, esta proposta não auxiliava no desenvolvimento da vida social do surdo entre os seus iguais.

O velho oralismo obrigou e obriga a uma situação de perda diante da superioridade ouvinte, ou seja, sendo incapaz de oralizar, de alfabetizar-se, sobra ao surdo uma situação de isolamento, de incapacidade, de desinteresse pela vida. A outros, resta a migração para o encontro com os surdos (MIRANDA, 2001, p.28)

O oralismo, portanto, foi marcado pela visão deficiente do surdo, ele era aquele que não teria a fala idêntica a do ouvinte e que não se comunicaria com a mesma qualidade. No entanto, embora a Língua de Sinais tivesse sido proibida,

sempre houve uma grande resistência das comunidades surdas em fazer permanecer essa língua, mesmo que fora das escolas.

2.2 – Comunicação total

O insucesso do oralismo em conjunto às pesquisas emergentes sobre as línguas de sinais deram origem a uma nova proposta de ensino aos surdos: a comunicação total.

Nesta perspectiva a Língua de Sinais era aceita e incentivada, embora considerada principalmente como um recurso. Nesta proposta, se utilizava os sinais, a leitura orofacial, amplificação sonora, enfim, eram oferecidos um grande número de recursos para que os alunos pudessem se utilizar daqueles que melhor tivessem afinidade ou facilidade, atingindo assim uma comunicação de mais qualidade com seus familiares, colegas e professores.

Acreditava-se que desta forma o aluno surdo teria uma maior facilidade de aprender a escrever e ler, uma vez que fazia relação entre os sinais e a fala articulada; no entanto, o método se mostrou ineficiente, uma vez que não era possível utilizar a Língua de Sinais e a Língua Falada concomitantemente sem que uma delas ficasse em desvantagem.

Isto acontecia devido ao fato de as Línguas de Sinais não possuírem a mesma estrutura da língua falada, o que impossibilitaria o uso paralelo das duas, e como os professores em geral eram ouvintes, a língua que não era utilizada com a devida qualidade era quase sempre a Língua de Sinais.

2.3 Bilinguismo

A lei 10.436 de 2002 reconhece o estatuto linguístico da língua de sinais e, ao mesmo tempo, assinala que esta não pode substituir o português. A recomendação atual do MEC/SEESP é que, em função da língua portuguesa ser, pela Constituição Federal, a língua oficial do Brasil, portanto língua cartorial em que se registram os compromissos, os bens, a identificação das pessoas e o próprio ensino [...]. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para surdos, baseia-se no fato de que esses são cidadãos brasileiros, têm o direito de utilizar e aprender esta língua oficial [...]. O decreto 5626 de 2005 assinala que **a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua**

portuguesa escrita como segunda língua. (QUADROS & SCHMIEDT, 2006, p.17) [grifo meu]

A proposta mais atual de educação de surdos visa trabalhar com as duas línguas em sala de aula, no caso do Brasil, o Português e a Libras. No entanto, diferentemente da proposta da comunicação total, elas não são trabalhadas em paralelo, mas coexistem no ambiente escolar.

No bilinguismo se percebe a Libras como a língua nativa do surdo e que somente a partir dela seria possível o ensino da segunda língua; no caso, o Português. Nesta perspectiva, a educação elementar do surdo seria ministrada em Língua de Sinais, o que não impossibilita que este aluno tivesse contato, desde o início de sua escolarização, com a modalidade escrita do Português.

O Português na modalidade oral, nesta perspectiva, não é priorizado, pois a língua social de comunicação do surdo seria a língua de sinais, acessível a todos os surdos independentemente do grau de perda de audição. O Português escrito seria valorizado devido à importância social também fora do ambiente familiar e escolar, possibilitando ao surdo o acesso a informações, seja por meio de leitura de livros, revistas ou legendas.

3. PONTOS DE (DES)ENCONTROS: DEIXANDO QUE AS MÃOS SINALIZEM

Este estudo, como já foi dito anteriormente, busca fazer algumas análises sobre as teses e dissertações de surdos produzidas no PPGEDU/UFRGS. Para tanto, constituíram meu objeto de análise os seguintes trabalhos:

Dissertações:

Histórias de vida surda: identidades em questão. (PERLIN, 1998)

Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais. (MIRANDA, 2001)

História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural. (RANGEL, 2004).

Mídia televisiva sem som. (REICHERT, 2006).

O filosofar da criança surda: construções e saberes. (CALDAS, 2006).

Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - ProLibras: representações sobre o uso e o ensino da Libras. (CLÁUDIO, 2010)

Tese:

O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade. (PERLIN, 2003)

Esses textos não constituem a totalidade dos materiais produzidos por surdos no Programa de Pós Graduação da UFRGS; no entanto, é representativo e atende aos objetivos propostos neste trabalho. Coletamos, portanto, sete trabalhos acadêmicos de pós-graduação *strictu sensu* conforme informações disponibilizadas por professores que atuam na área da educação de surdos. Uma tese não foi localizada na biblioteca.

Muitas questões, que considero interessantes, foram encontradas durante a leitura desses materiais. O fato de todos os textos trazerem já em seus títulos marcas sobre a surdez, em maior ou menor grau, já é um item a se considerar. No entanto, como minha pergunta de pesquisa para este trabalho de conclusão envolve apenas o olhar para a escrita do surdo em relação a sua vivência com a Língua

Portuguesa e/ou o ambiente ouvinte do Curso de Pós-graduação em Educação, procurei não me adentrar muito em questões que fugissem deste eixo.

Assim, dividi minhas análises em blocos analíticos, conforme as recorrências encontradas durante as leituras. Ao longo de meu texto será possível perceber que esses eixos estão conectados, mas optei por separá-los de forma a facilitar a leitura e também para poder me aprofundar melhor em cada item.

3.1- A escrita do surdo: o português como segunda língua

Quero aproveitar o momento para dizer que o texto presente não deve ser lido a partir de exigências gramaticais muito rígidas mas, sim, respeitando o meu esforço, sem ter escolha, em tentar escrever uma dissertação dentro de uma língua que não me pertence. Sou surda, minha língua é a de sinais, meus pensamentos não correspondem à lógica do português falado e escrito. (PERLIN, 1998, p. 10)

Quando optei por estudar as experiências dos surdos em relação ao ambiente do Pós-Graduação imaginei que encontraria a presença do português como algo desafiante e, de fato, todos os trabalhos estudados trouxeram esta marca.

A leitura e a escrita acadêmica não é fácil (imagino que em nível de pós-graduação seja ainda mais complexa), são vários os conceitos a se apropriar, termos diferenciados, enfim, a linguagem acadêmica é diferente das linguagens que utilizamos nas conversas mais cotidianas. Desta forma, a escrita de uma dissertação ou de uma tese não se constitui em uma tarefa simples.

Para os surdos, usuários do português como segunda língua⁴, tal complexidade, portanto, é intensificada. Faço aqui um pequeno parêntese para apresentar uma relação que faço com minha experiência: como já disse anteriormente, eu sou ouvinte, brasileira e utilizo o português como primeira língua. Sou estudante de um curso de inglês há quatro anos, sendo capaz de compreender textos falados e escritos nesta língua e conseguindo elaborar pequenos textos. Em contrapartida, a escrita de um texto acadêmico em língua inglesa exigiria de mim um

⁴ A Língua de sinais é uma língua oficial brasileira, tendo uma fonética, uma fonologia, morfologia, sintaxe, semântica... enfim, todos os elementos constitutivos das demais línguas (QUADROS; KARNOPP 2004)

tempo e uma instrumentalização linguística maior para realizar minhas leituras e mesmo assim não atingiriam uma qualidade semelhante de compreensão tal qual a de um nativo ou mesmo daquela que eu possuo em minha língua materna.

Não estou dizendo com isso que o português é para o surdo uma língua inacessível, até porque não teria como apontar isso uma vez que meu objeto de pesquisa é justamente os trabalhos acadêmicos escritos por surdos. Apenas assinalo que a escrita em português será para o surdo um processo de imersão em uma segunda língua, como a escrita de um estrangeiro, a qual possui marcas na forma de seu registro. Todos os trabalhos analisados trouxeram marcas disso, o que pode ser melhor visualizado através dos excertos abaixo:

[...] sou constituidora de uma outra língua que não é a dos ouvintes e a minha produção é constituída de signos visuais e não auditivos. Para mim, a produção de sentido acerca dos significantes se dá na cultura visual.(PERLIN, 1998, p.13)

Após muitas vezes para o que era dito pelos surdos assistirem aos programas, após muitas leituras sobre estudos de recepção e junto com elas muitas horas de dedicação para que eu pudesse me apropriar de palavras e expressões em português que não diziam nada para mim, além de me apropriar da teorização para guiar por caminhos ainda não feitos, consegui formar uma primeira afirmação sobre meus dados. (REICHERT, 2006, p.12)

É possível perceber que a experiência com o uso do português é assinalada sob significados diferenciados, ora como um desafio ora como uma dificuldade. Alguns autores também assinalam uma certa resistência ao fato de somente o português formal escrito ser aceito como a língua da academia.

Perlin (2003) assinala, de maneira bastante enfática, sua posição contrária a “submissão” de ter que produzir seu texto em português, desde seu resumo apresentado em português, inglês e em língua de sinais escrita⁵, até a sua decisão em escrever a tese em uma língua de fronteira:

Língua de fronteira, assim denomino ao português, língua escrita que tramita ao meu lado. Não posso dizer que é minha outra língua, pois

⁵ “A língua de sinais escrita, pelo que se tem informação, vem desde 1817, quando o professor Bebian criou um sistema de escrita de sinais. Como o professor L'Epeé não considerava importante a língua de sinais escrita, pois impunha o francês escrito o sistema caiu no esquecimento.” (PERLIN, 2003, p.16)

minha língua é em signos visuais. E desta língua oral utilizo a leitura e a escrita. Mas as utilizo numa forma não tão expressiva de modo a que fuja a política da palavra quando ela está numa dimensão auditiva. Bakhtin propõe: O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico.(1997, p. 32). Claro que capto a parte visual desta língua. Corro o risco de cometer equívocos com o uso que devia ser mais completo. Tampouco o português será minha segunda língua? Talvez não! Se fosse segunda língua eu teria de ouvir para usá-la com sua estrutura escrita e pronunciá-la com suas intensidades como sendo uma usante da mesma. Derrida, em circunstâncias semelhantes, cita o monolingüismo como parte da língua que tem e que o precedeu desde sempre (1997, p.14) e cita inclusive a outra língua como língua estrangeira. (p.16)

Ao assumir este modelo de escrita a autora reafirma o “eu surdo pesquisador”, deixando marcada sua diferença. Ela aceita que sua escolha pode implicar no fato de que, em alguns momentos, ela possa se equivocar no uso de algum termo, mas deixa bastante claro ao leitor que muito mais do que uma escolha de forma de escrita, seu texto demarca uma escolha política. E me parece que, além de ser uma escolha para si, Perlin está à procura da abertura de caminhos para outros que seguissem neste caminho acadêmico:

É preciso romper com o velho ranço de que português escrito seja a única forma de produção. Não se trata de que nos encontramos num puro destruir o que outros construíram na língua oral. Compreendo respeitosamente aquilo como está construído. Trata-se de abrir espaço para o diferente, para construir uma diferença, um espaço para a escrita na língua de fronteira. Este espaço, inclusive pode subsistir se não lhe for “obrigatório” enveredar por uma opção de substituir depois para o português “politicamente correto”. (PERLIN, 2003,p.55)

Outra questão interessante em relação ao uso do português pelo surdo pode ser encontrada de maneira mais recorrente no trabalho de Reichert (2006), no qual ele analisava a relação dos surdos com a mídia, bem como as informações que são (in)acessíveis pelo uso de legendas. Assim, nessa dissertação analisada, muitas vezes o “eu surdo pesquisador” claramente se misturava com o “eu surdo” que também enfrenta o uso do português em situações cotidianas da vida:

[...] enquanto surdo ou, nesse caso, enquanto estrangeiro no próprio país que está fazendo pesquisa em educação e tendo que ler livros em Português que me desafiam a mergulhar cada vez mais em um vocabulário estranho, percebo o quanto é rico em sentidos o Português. Para uma palavra há muitos sentidos não conhecidos por

mim. Essa multiplicação de sentidos dificulta a elaboração surda, pois o português para nós é uma língua aprendida em consultório. Não há como fazer uma correspondência entre a palavra em Português e um sinal em Língua Brasileira de Sinais. Sei que isso também não é possível entre duas línguas orais, mas quero deixar marcado aqui que quanto mais eu entro nesse outro universo lingüístico mais o conheço e mais exercito uma espécie de leitura atenta e desconfiada daquilo que consigo ler e interpretar. Tenho de “sair” da minha língua, para adentrar uma outra se eu quiser participar do que está sendo colocado em circulação em diferentes espaços sociais e midiáticos. Poucos são os surdos que chegaram a este nível de exigência que estou vivendo no mestrado, a grande maioria surda não chega a ter uma compreensão lingüística que possibilite responder perguntas simples sobre o que estão lendo em português. Enredados nessas dificuldades, nas exclusões que vivemos pela falta de acesso às informações, entre outras experiências surdas, é que nos constituímos sujeitos aos outros e a nós mesmos pela dependência dos outros. (REICHERT, 2006, p. 44)

Percebe-se, a partir desse excerto, que muito mais do que uma tentativa de ser aceito em sua diferença no contexto acadêmico, esses textos trazem a necessidade de ser aceito da mesma forma em todas as esferas da sociedade. E nisto se justifica o fato de os trabalhos trazerem de forma tão recorrente estas experiências de dificuldade de tradução, de desafios nestes “passeios por uma outra língua” (REICHERT, 2006, p.45). É como se esses autores encontrassem em seus trabalhos uma forma de trazer a tona opiniões e vivências silenciadas historicamente.

[...] ao aproximar-me do final dessa etapa, sinto que muitas vezes foi inevitável controlar as ondas bravas no mar que me assolaram, apesar de certas experiências vividas, novos conhecimentos e novos conceitos que se fizeram presentes a cada novo dia. O sinal ou palavra que encontro para melhor definir este momento é que perdi. Sim, ‘perder’, pelos vários momentos angustiantes e doloridos, como um grito sobre a pele, uma pele que em muitas vezes não foi tocada. A questão da língua, que muitas vezes me impediu de ter um contato mais profundo, mais verdadeiro, que realmente me atingisse e me fizesse sentir toda aquela emoção de quando entrei e de todos os anos de expectativas, de esperanças e de vontade de estar aqui. No meio de toda correria que foi estar no mestrado, ser pesquisador, sinto que como um esvaziamento ao longo da caminhada, de estar sempre correndo em busca de algo e nessa busca perder muitas coisas que são tão importantes. (REICHERT, 2006, p.94)

3.2 - Uma escrita por várias mãos: O papel do intérprete

[...] os intérpretes de língua de sinais representam para os surdos a possibilidade de comunicação com a língua auditiva, de dizer nosso pensamento aos ouvintes que não nos conhecem, de contar histórias, de negociar com sujeitos que nem sempre ousam se aproximar temendo a dificuldade na comunicação. (PERLIN 1998, p.10)

Um segundo ponto bastante importante, que de certa forma se interliga ao tópico abordado na seção 3.1 deste trabalho é o papel do intérprete na vida acadêmica do pesquisador surdo, presente nos textos ora como aquele que abre as portas a compreensão do que é dito nas aulas ou o que está escrito nos textos, ora como aquele que auxilia na tradução da produção sinalizada para a escrita no português, ou ainda como aquele que faz o intercâmbio das relações entre professor/aluno e aluno/aluno no ambiente do PPGEDU.

[...] minha dissertação está marcada pela tradução feita pela tradutora e intérprete Ângela Russo, quem esteve presente durante os momentos de interpretação dos textos teóricos, buscando equivalências linguísticas da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais, a fim de um melhor entendimento sobre as teorias. Além disso, estas marcas possam também pelos momentos e tradução para a Língua Portuguesa das falas dos sujeitos nas entrevistas. (CALDAS 2006, p. 14-15)

A grande maioria dos trabalhos deixa bastante explícito o fato de que foram várias mãos que escreveram o texto, que este processo de escrita também se constituiu em um processo de tradução, e embora alguns apresentem isso como uma necessidade uma vez que a língua aceita na academia ainda é o português escrito, fica também bastante claro que se percebe que em alguns momentos pode ocorrer deslizamentos de sentido neste processo.

Devido a diferença lingüística, encontro muitos impasses na tradução da minha sinalização para o português. O intérprete está na minha frente agora realizando uma tarefa nada fácil que envolve diferentes produções de sentido. Por exemplo: utilizei em um determinado momento do meu trabalho um sinal que em português a intérprete traduziu no sentido de “completo”. A minha co-orientadora leu meu texto e pediu que eu revisasse este conceito, que eu pensasse melhor no sentido de uma relativização desta palavra. Entendi o que minha orientadora solicitou, mas entendi também aí um certo conflito lingüístico, onde a língua oral e a LIBRAS não compartilha de um mesmo significado para o sinal de “completo” (REICHERT, 2006, p.42- 43)

Percebe-se que além de uma inserção e fluência na Libras, o intérprete precisa ter conhecimento dos termos e conceitos utilizados na linha teórica estudada pelo surdo a quem ele irá traduzir, pois sabe-se que o processo de tradução não é fácil, pois as línguas estão muito ligadas à cultura a que pertencem e, desta forma, há termos quase que intraduzíveis, o que, no entanto, não justifica que se perca os sentidos que realmente queriam ser expressados em sinais ao transcrevê-los para o papel.

Valho-me da opinião de Stumpf⁶ (2005, p.24) sobre a importância do intérprete e consequente necessidade de qualificação deste profissional:

O intérprete ou o tradutor, de qualquer língua, tem um grande poder em suas mãos. Ele é responsável pela qualidade da comunicação. Os surdos precisam que esses profissionais sejam bem qualificados, por cursos específicos que se estruturam, associados a alguma comunidade surda idônea, isto para que o conhecimento que tem da língua de sinais seja autêntico e para que esse profissional possa inserir-se na comunidade surda e conhecer sua cultura.

Mas, além da relevância da formação do intérprete, o que precisa ser assinalado nesta subseção é a presença do intérprete, já que isso nem sempre foi um direito ao surdo. A dissertação de Perlin traz bem forte esta questão, pois ela vivenciou esta experiência de não ter intérprete por um tempo durante o mestrado, e assim ela traz a vinda desse sujeito como uma vitória à sua produção, que implica em uma grande diferença. E mesmo quando em sua tese ela opta por não escrever sob o intermédio de um intérprete, ela não nega a importância desse profissional para estar inserida nas salas de aula do pós-graduação e ter acesso às informações.

[...]como usuária da língua de sinais, para mim, o direito a interprete particular foi a outra nova mudança. Podia finalmente acompanhar as aulas e expor minhas ideias, no curso de pós-graduação, sem depender das colegas mestrandas que trabalhavam na mesma linha teórica dos estudos surdos. Através do interprete fiquei surpresa com a variedade e profundidade dos temas discutidos na academia, aos quais até então, não tinha acesso. (PERLIN, 1998, p.12)

⁶ Marianne Rossi Stumpf é uma doutora surda que embora eu tenha me apropriado de algumas de suas ideias neste trabalho não me utilizei de sua dissertação como objeto de análise uma vez que a mesma havia sido produzida no Programa de Pós-graduação em Informática na Educação não no PPGEDU como os demais trabalhos.

É interessante assinalar que a presença do intérprete não é oculta nos trabalhos, na maioria deles essa presença é marcada de maneira bastante visível no processo tradutório, quase sempre para demarcar um estilo de escrita. No entanto, em alguns casos, também é possível perceber que embora o trabalho seja traduzido, na verdade isto é uma necessidade externa, da academia que teoricamente não aceitaria uma escrita “puramente surda”.

A escrita original deste trabalho possui forte influência da minha estrutura de língua. Por isto, o texto foi 'traduzido' para o português oficial por uma pessoa ouvinte. Mas julgamos necessário, enquanto pesquisadores, discutir melhor esta questão. O surdo tem um jeito próprio que difere do jeito do ouvinte, mas nossos textos necessitam serem sempre redigidos em uma língua que não é a nossa. O mais importante é poder mostrar o sentido de nossas pesquisas, seja de que forma for e esta discussão deve ser levantada. (MIRANDA 2001, p. 8)

Assim, é possível perceber que, muito mais que marcar a presença do intérprete, os autores destes trabalhos assinalaram uma discussão comum: a necessidade de aceitabilidade da escrita surda, ou talvez de uma forma diferenciada de apresentação dessas pesquisas. De fato, a escrita surda traduzida por um intérprete muitas vezes necessitará de um outro intérprete para que um leitor também surdo se aproprie das informações agora em português.

3.3- Desafios e (des)caminhos: para além das línguas

“Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença!” (MIRANDA 2001, p. 8)

Ao realizar as leituras que me guiaram a descobrir algumas unidades analíticas, percebi que quando se está em busca de uma resposta muitas outras informações surgem: é para estas questões que me debruço a analisar na presente sessão. Questões que vão além da diferença linguística dos surdos e que, por sua relevância, não poderiam deixar de ser trazidas a este trabalho, mesmo que escapem de alguma maneira aos meus questionamentos anteriores.

Iniciei esta sessão com a frase de Miranda para ilustrar algo muito recorrente nas produções estudadas: a ênfase dos autores em se identificarem como surdos, e de marcarem essa diferença o tempo todo no trabalho, desde as primeiras frases. Penso que isto acontece justamente para marcar uma diferença de proposições, de

identidade, talvez até mesmo para assinalar fortemente uma presença nova neste espaço que até então frequentado basicamente por ouvintes.

É interessante que essa afirmação dos autores não traz consigo uma desculpa por uma forma de escrita ou um pedido de um olhar diferenciado ao texto e ao aprofundamento da pesquisa. Contestando um discurso majoritário, os surdos não se apresentam como deficientes, mas culturalmente surdos, mesmo que isso possa ter trazido dificuldades de aceitação neste espaço acadêmico.

Como já foi dito anteriormente, este trabalho está inserido no campo dos Estudos Surdos que nas palavras de Skliar (1998, p.5)

[...] se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizadas e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.

Ou seja, entendo neste trabalho o surdo não apenas como aquele que não escuta, mas como um sujeito com cultura e identidade diferenciada, embasada em experiências visuais.

O fato é que tal conceito de surdez é visibilizado há relativamente pouco tempo, e muitos dos autores cujos trabalhos são estudados neste TCC vivenciaram a experiência acadêmica justamente no período que tais questões estavam em discussão. Experienciando momentos de não aceitabilidade de suas opiniões sobre sua cultura e identidades.

[...] o encontro com o programa de pós graduação oferecia uma linha de pesquisa que não vinha ao encontro de minhas expectativas como aprendiz de pesquisadora, pois esta via o surdo sob a ótica clínica. A forma como a abordagem da pesquisa se desenvolvia não me atraía. Eu lutava por sobreviver na diferença. Não podia admitir uma visão clínica do surdo, o surdo como deficiente. Percebia-se com os colegas que não havia contentamento em se persistir numa pesquisa onde o espaço da consciência social do surdo não tinha cabimento. Muitas vezes, implicações e conflitos aconteciam com os professores e com alguns colegas que não conheciam mais a fundo aspectos culturais implicados na vida do surdo. Doía que a pessoa surda não era vista como um sujeito. Incomodava-me a forma como contavam o surdo. Era necessário fazer uma virada, era necessário fazer acontecer uma mudança. (PERLIN, 1998, p.11)

Os pesquisadores estudados possivelmente vivenciaram a experiência de serem vistos como pessoas deficientes, o que talvez pudesse inclusive visibilizar suas produções como deficientes. São relativamente poucos anos de produção surda em dissertações e teses, embora haja um crescimento no número de produções ao longo desse período.

Interessante também assinalar que após a dissertação de Perlin, juntamente com a vinda de Carlos Skliar ao Brasil, e com formação do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para surdos (NUPPES) que deu início aos Estudos Surdos no Brasil, os estudos produzidos por surdos passaram a se inserir principalmente na linha de pesquisa dos Estudos Culturais não na linha de Educação Especial, o que assinala uma diferença de olhar sobre estes sujeitos e desses sujeitos sobre si mesmos⁷.

Enquanto o conhecimento sobre os surdos e a surdez for produzido no campo de educação especial, os discursos dificilmente ultrapassarão duas ciências: a psicologia e a biologia. Nestes discursos do conhecimento não existe comunidade surda nem identidade surda.(MIRANDA, 2001, g. 31)

Tal mudança epistemológica provavelmente marca uma diferença nos trabalhos mais atuais, no entanto, desta década, apenas um trabalho foi analisado e, portanto, não é possível afirmar muitas questões. De qualquer forma, trago um excerto da dissertação de Cláudio (2010,p.18) que mostra um contexto acadêmico bastante diferenciado em relação ao ambiente vivenciado pelos demais pesquisadores apresentados neste trabalho:

[...] a minha orientadora conhece a minha língua, Libras, isso facilita a nossa comunicação. Os intérpretes estavam presentes em todas as disciplinas em que me matriculei, tornando possível o acompanhamento, a participação, valorização de meus estudos e a ampliação de horizontes. A prova de seleção que fiz para entrar no mestrado, na primeira fase foi escrita em português e na segunda fase fui entrevistada por professores com a mediação de um intérprete de Libras. Tive uma disciplina de Estudos Surdos, em uma turma mista: ouvintes e surdos. Um intérprete realizava a mediação para os surdos e também para aqueles que não conheciam Libras.

⁷ Atualmente na Linha de Pesquisa dos Estudos Culturais em Educação há três surdos matriculados no mestrado de maneira regular.

Em todos os encontros os colegas mostraram interesse em conhecer a comunidade surda e em ampliar a comunicação.

Percebo, a partir de todas questões abordadas, que a experiência no PPGEDU/UFRGS foi um processo complexo e sofrido principalmente aos primeiros trabalhos produzidos. Tais trabalhos construíram caminhos com as próprias mãos, abrindo espaço entre os olhares que os viam como deficientes de corpo, de língua e de pensamento, construindo a partir de si um espaço que antes não existia.

[...] nas considerações finais, refaço o caminho de minha pesquisa dizendo o que aprendi durante o tempo do mestrado, que sentimentos vivenciei, que descartes tive que fazer, que dificuldades me deparei, enfim, tento contar um pouco o que é ser um pesquisador surdo na academia que não é um espaço pensado para nós. (REICHERT, 2006, p.14)

Essa discussão me remete ao poema “Escada”⁸ produzido em Língua de Sinais pela surda Dorothy Miles (por dificuldade em manter a beleza da poética surda ao traduzi-la optei por não escrevê-la, apenas escrever sobre ela) que trata das dificuldades ao subir a escada em direção a diplomação, onde muitos ficam pelo caminho, mas há também quem com muita coragem e esforço sobe os primeiros degraus e auxilia para que outros lhe sigam.

Percebo, a partir dessas questões, que o mestrado e o doutorado ao surdo não é apenas um nível acadêmico, mas uma forma de mostrar a cultura, um modo de lutar pelos interesses do povo surdo. Percebo que para esses autores não está a presença de apenas uma pessoa, mas de todo um povo que é visibilizado a partir dessas pesquisas.

Sinto-me orientado pelo interesse em demonstrar pela pesquisa o valor do movimento da comunidade surda. Há outros campos aos quais poderia me dedicar, mas com minha pertença a uma comunidade, a um grupo específico também, logicamente, tenderia a uma pesquisa redundante. Daí que o tema em pesquisa tem suscitado muitas indagações e buscas, acabando em canalizar-se mediante meus estudos teóricos e minhas possibilidades de acadêmico surdo. (MIRANDA 2001, p.11)

⁸

Poema analisado por Raquel Sutton-Spence (2000)

Há, de maneira bastante visível nos trabalhos, um compromisso com a comunidade surda, análises que muito além de procurar respostas possuem propósitos políticos e de afirmação de uma cultura.

Alguns autores chegam a ser explícitos com seus propósitos nos trabalhos, dizendo que pretendem com sua escrita dar visibilidade à história surda (RANGEL, 2004). É realmente interessante que os próprios surdos possam narrar sua história, falar de sua própria cultura e educação, historicamente gerida e discutida pelos ouvintes (e talvez por esse motivo tantas vezes ocultada).

Assim observo que essas produções analisadas neste trabalho trabalham em consonância com uma mudança de paradigma em relação ao olhar sobre a surdez, sei que isso se deve muito mais às lutas do povo surdo por afirmação de sua língua⁹ e cultura que estritamente a essas produções acadêmicas, mas tais escritas não só fizeram parte dessas discussões como trouxeram marcas desse período.

Cabe aqui, porém, abrir um parêntese ao trabalho de Cláudio (2010), que trouxe ao invés de marcas de participação nessas lutas, sinais de que este passado influenciou seu pensamento, utilizando alguns dos autores por mim citados, para embasar seu pensamento sobre a própria escrita em Português entre outras questões. Na verdade, observei que a autora se preocupou em mostrar ao leitor que ela estava caminhando por caminhos hoje um pouco mais fáceis porque antes dela vieram outros que abriram este espaço.

⁹ A oficialização da Libras se deu no ano de 2002, fruto de vários embates políticos e lutas com intensa participação da comunidade surda.

4 – LINHA DE CHEGADA (?): OUTROS CAMINHOS A PERCORRER

“[...] ao modo de Nietzsche, esta escrita funcione como uma flecha, que um/a pesquisador/a atira, assim como no vazio, para que outro/a a recolha e possa, por sua vez, enviar também a sua, agora em outra direção.” (CORAZZA, 2002, p.107)

Ao final deste trabalho permanecem muitas coisas, aprendi muito, e conclui que realmente, quanto mais se aprofunda em um estudo mais se percebe que há muito ainda por saber e mais se apaixona pelo assunto (ao menos é o que aconteceu comigo neste período de escrita de trabalho de conclusão).

Ao longo de todas as leituras, percebi que os trabalhos se unem por um fio político, no qual os objetivos dos trabalhos se assemelham ou se complementam e fazem enxergar a união desses personagens em uma comunidade ímpar: a comunidade surda. É interessante, no entanto, que mesmo que afirmativamente participantes de uma mesma comunidade, as identidades múltiplas de cada um foram preservadas e apresentadas de modo distinto.

O fato é que a surdez foi um fio que uniu todos esses sujeitos em suas escritas, e somente após esta característica comum e tão afirmada nos trabalhos, que apareceram às demais características ou demais identidades presentes em cada um.

Interessante registrar que muito além da presença das duas línguas (português e Libras) ou presença do intérprete, questões que antes mesmo de me adentrar por essas leituras eu já imaginava encontrar (talvez não de modo tão enfatizado), os trabalhos também trouxeram sinais do período em que foram produzidos, quase que totalidade, em uma época de lutas da comunidade surda pela oficialização da Libras que se efetivou no ano de 2002¹⁰. Além de demarcarem uma mudança epistemológica em relação ao olhar sobre a surdez, de uma visão clínica sobre a deficiência para uma percepção cultural da surdez.

É importante ressaltar que muito mais do que trazer informações sobre essas questões, os trabalhos analisados foram como instrumentos desses dois movimentos.

¹⁰ Lei Federal Nº 10.436 (24/04/2002)

Além disto, creio que seja importante destacar aqui o que penso possa se constituir em um novo problema de pesquisa: o trabalho mais atual estudado, de Cláudio (2010) não trouxe as mesmas marcas, pois foi produzido em outro período, um período em que a língua de sinais já era lhe assegurada como direito, no entanto a autora não deixou de expor que havia sujeitos anteriores a ela que abriram o espaço para que ela estivesse na academia, vivenciando o espaço como ela vivenciou.

A pesquisadora inclusive buscou nas produções surdas, por mim apresentadas neste trabalho, informações sobre como os demais surdos vivenciaram a experiência acadêmica, de maneira mais específica a relação deles com a escrita em português:

É uma marcação para o surdo que o português nunca terá fim. Enquanto escrevia este texto, pesquisava dissertações e teses defendidas por surdos na UFRGS, como o objetivo de investigar os registros sobre a forma como cada um se relacionava com a escrita da língua portuguesa, sendo usuários da Libras. (CLÁUDIO 2010, p. 21)

Uma dissertação, apenas, não me dá suporte para analisar se há nas produções atuais uma marcação política tal qual nas produções anteriores, ou se há um objetivo comum entre essas escritas. Imagino que “viajar” por esses novos textos seria uma nova aventura, tão empolgante como a que apresentei neste trabalho de conclusão, imagino que em algum momento me depararei com essas questões novamente.

Por fim, para deixar mais em aberto ainda minhas considerações finais (?), pontuo aqui que ao escolher o PPGEDU/UFRGS como ambiente de pesquisa obtive em olhar privilegiado, uma vez que foi neste espaço em que possivelmente foram produzidas a primeira dissertação surda no Brasil, e a primeira tese da América Latina, ambos os trabalhos produzidos por Gládis Perlin (1998 e 2003). A UFRGS também se constituiu como espaço onde os Estudos Surdos surgiram no âmbito brasileiro com a presença do Núcleo de Pesquisas Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) que esteve diretamente ligado a muitas das questões de produção e estudo em torno da cultura surda.

A partir dessas informações, penso que também seria interessante pesquisar outros ambientes e tornar visíveis outras produções que não tiveram este mesmo

espaço como solo de pesquisa, e verificar se há marcas de diferença entre esses textos.

Ao fim deste trabalho concluo realmente apenas uma coisa: não é possível dar um ponto final a este estudo, por isso termino com reticências, que acredito que seja o que realmente representa o final desta escrita...

REFERÊNCIAS

CALDAS, Ana Luiza. **O filosofar da criança surda**: construções e saberes. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2006.

CLÁUDIO, Janaína Pereira. **Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - ProLibras**:representações sobre o uso e o ensino da Libras. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2010

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In.: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 105-131

_____. Manual infame...mas útil para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In.: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto(orgs.). **A Bússola do Escrever**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. P.335-370

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E.D.A.. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, Wilson de Oliveira. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2001.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 1998.

_____. **O ser e o estar sendo surdos**: Alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 155f. Tese (doutorado em educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre,2003.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P.. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. Educação de Surdos: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2004.

REICHERT, André. **Mídia televisiva sem som.** Porto Alegre: UFRGS, 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2006.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: Um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador.** UFRGS, 2005. 329f. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, CINTED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Aspects of BSL poetry - A social and linguistic analysis of the poetry of Dorothy Miles. In: **Sign Language & linguistics.** John Benjamins Publishing Company. 2000. P.79-100

THOMA, Adriana. Educação dos surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. In.: THOMA, Adriana; LOPES, Maura Corcini (orgs.) **A invenção da surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos.** P. 9-25

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil.** Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2007.